

Uma Revisão do Parnasianismo

Sânzio de Azevedo

NUM LIVRO de 1884, o parnasiano francês Catulle Mendès conta que numa discussão, nas ruas de Paris, entre dois cocheiros, um deles, havendo esgotado todo o seu repertório de palavrões, lançara ao adversário este insulto: “ – Parnassien, va!”

Considerando-se que somente em 1893 seria editado o livro *Os Troféus*, do também parnasiano Heredia, vê-se que o Parnasianismo era, ao mesmo tempo, na França, alvo de ataques não somente dos últimos românticos, mas até de homens do povo...

Nosso espírito de imitação não transplantou logo para o Brasil essa antipatia pelos cultores da Forma, e por isso no fim de 1918 Olavo Bilac morria glorificado pelo apreço não apenas dos intelectuais, mas até de homens do povo...

Entretanto, com o advento do Modernismo, nos anos vinte do século passado, os parnasianos passaram a ser considerados o símbolo da anti-poesia. E era natural que os modernistas fizessem carga sobre os poetas do Parnaso, já que o Simbolismo não conseguira impor-se em nossa terra. E note-se que Mário de Andrade, figura maior de sua geração, que fora menos contundente do que seria de esperar ao tratar dos que chamou de “mestres do passado”, haveria de confessar na revista *América Brasileira*: “Defeitos dos mestres do passado. Mas em geral as outras verdades, as boas, deixava propositadamente de as dizer. Isso representam os Mestres do Passado, que jamais porei em livro.”

Não obstante a importância dessa confissão, curioso é que, segundo denuncia o crítico Ivan Teixeira, “Repetem-se hoje os estereótipos criados pela estratégia de combate modernista há mais de 80 anos, como se essa fosse uma perspectiva absoluta.”

O certo é que a grande maioria dos livros didáticos praticamente reduz a corrente a poucos versos de Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Olavo Bilac, sendo indefectível, deste último, a célebre “Profissão de Fé”, a meu ver uma de suas menos felizes produções.

Seja-me permitido um depoimento pessoal: em aulas na UFC, na Graduação, na Especialização ou no Mestrado, tive o prazer de testemunhar a surpresa de mais de um aluno, ao constatar que a poesia de Alberto de Oliveira é

bem mais rica, em densidade lírica, do que haviam imaginado ao ler o soneto “Vaso Grego”, nos manuais de ensino médio...

Este livro que ora se lança, O PARNASIANISMO NA POESIA BRASILEIRA, tenta mostrar que a corrente no Brasil apresenta uma face ortodoxa, até com gastos de Mitologia clássica, outra lírica, quase romântica, e uma terceira, telúrica, desmentindo os que falam do caráter pouco nacional do movimento.

Num opúsculo de 1978, APOLO VERSUS DIONISOS, eu já havia tocado nesse ponto. Mas agora, abrangendo um número muito maior de poetas, busco identificar os traços da corrente parnasiana em todo o Brasil, Estado por Estado. E aqui entra o problema de o Modernismo ter eclodido em épocas diferentes ao longo do território nacional, daí o erro de visão dos que, plantados no Rio ou em São Paulo, consideram anacrônicos poetas que estrearam em livro, parnasianamente, em 1923, como Silva Lobato, em Pernambuco, ou em 1924, como Cruz Filho, aqui no Ceará. Basta lembrar que o poeta Jorge Tufic, escrevendo no Amazonas, em 1983, revelou: “A Semana de Arte Moderna de 1922, apesar da violência renovadora de seus prógonos e adeptos, não chegou aqui senão após o ano de 1950, exceto por algumas tentativas isoladas.”

O mencionado opúsculo APOLO VERSUS DIONISOS tinha o objetivo de defender a corrente da pecha de escola fria e antinacional. Por isso, Nilto Maciel, escritor cearense radicado então em Brasília, teve razão ao me chamar, amigavelmente, na época, de “advogado do Parnasianismo”.

Em O PARNASIANISMO NA POESIA BRASILEIRA, apesar da condenação do que julgo injusto na visão que ainda predomina, mesmo depois das análises imparciais de Manuel Bandeira, Alceu Amoroso Lima, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Lêdo Ivo e outros, não tive a pretensão de isentar o movimento de eventuais falhas. A corrente de Bilac foi um movimento que desempenhou seu papel na nossa história literária, com excelentes, bons, medianos e até fracos poetas, como outro qualquer.

Advirto que procuro estudar poemas parnasianos e não necessariamente poetas parnasianos. Claro que a maioria dos poemas é de autores da corrente, mas em alguns Estados os mais importantes textos parnasianos são de autores que se destacaram no Simbolismo, bastando citar Da Costa e Silva, no Piauí, Henrique Castriciano, no Rio Grande do Norte, Pethion de Villar na Bahia e Alceu Vamosy no Rio Grande do Sul.

Seja-me ainda permitido lembrar aqui uma brincadeira de outro amigo, o poeta Horácio Dídimo: pensando no trabalho de Andrade Muricy, ao reve-

lar o grande número de simbolistas brasileiros, num tempo em que se falava apenas em Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens, Horácio, sabendo da minha pesquisa, passou a chamar-me de "Muricy do Parnasianismo". Tratava-se de uma brincadeira de amigo, e jamais eu pretenderia ombrear-me com o mestre paranaense, mas confesso que me honra o chiste, porque, como o autor do *Panorama do movimento simbolista brasileiro*, procuro na medida do possível sugerir um rumo ao estudo de um estilo de época a meu ver ainda não bem compreendido.

Se escolhi meu amigo, o poeta e crítico Linhares Filho, para fazer a apresentação deste livro, hoje, foi pelo fato de reconhecer nele o ensaísta lúcido, conhecedor da obra dos principais nomes do nosso Parnasianismo, e ao mesmo tempo estudioso do Modernismo, autor de ensaios fundamentais sobre as obras de Fernando Pessoa, de Miguel Torga, de Cassiano Ricardo e de Carlos Drummond de Andrade, entre outros nomes da poesia moderna.

Fruto de cerca de trinta anos de pesquisa, além das antologias e das histórias literárias regionais, contou este livro com o auxílio de escritores de quase todos os recantos do País. Quero porém aqui homenagear alguns dos que já se foram: Alcides Werk, do Amazonas; A. Tito Filho, do Piauí; Eimar Tavares, do Pará; Elmo Elton, do Espírito Santo, e Lenine C. Povoas, de ato Grosso.

Isso, para não falar de outros amigos incentivadores dessa pesquisa, e que não chegaram a vê-la concluída, como Domingos Carvalho da Silva, José Bonifácio Câmara, Maura de Senna Pereira, Plínio Doyle, Rubens Falcão e Vasques Filho.

Agradecimentos à Universidade Federal do Ceará, nas pessoas do Reitor, Prof. René Teixeira Barreira, e do Vice-Reitor, Prof. Ícaro de Sousa Moreira; ao editor, Luiz Falcão, que muito lutou para que o livro se tornasse realidade; ao Conselho Editorial da UFC, onde figuram, entre outros, minha colega do Departamento de Literatura e amiga, Profa. Angela Gutiérrez, e o Prof. Italo Gurgel, que o presidia anteriormente, e a quem devo a síntese que ilustra uma das orelhas do volume.

Meus agradecimentos também à Universidade Estadual Vale do Acaraú, de Sobral, nas pessoas do Reitor, Prof. José Teodoro Soares, e do Vice-Reitor, Prof. Gregório Maranguape da Cunha; à Coordenadora das Edições UVA, Profa. Maria Norma Maia Soares, e ao Conselho Editorial, presidido pelo Prof. Evaristo Linhares Lima.

Não poderia esquecer o Prof. Geraldo Jesuino da Costa, meu amigo, autor da belíssima capa do livro.

Nem os responsáveis, na UFC, pela revisão: Maria das Dores Filgueira, Roberto Cunha Lima e Francisca de Sá Benevides; a responsável pela normalização bibliográfica, Socorro Guimarães; o responsável pela programação visual e pela diagramação, Luiz Carlos Azevedo, e, fora dos quadros da UFC, Leda Freitas, que fez a foto do autor.

Ao Prof. Linhares Filho, agradeço as palavras generosas.

Ao Centro Cultural Oboé, na pessoa de Newton Freitas, grande incentivador da cultura, agradeço a carinhosa acolhida.

Esse agradecimento estende-se a Tarcísio Tavares, mestre de cerimônias exemplar e expert em publicidade.

E a todos quantos aqui vieram, para prestigiar este lançamento, o meu mais sincero *muito obrigado*.